

Projeto Desbloqueando Potencialidades: Capacitação das Mulheres Com Deficiência, através da Inclusão Financeira Na Região de Biombo

Inspirar na Resiliência das Mulheres Com Deficiência



Agradecimento

Gratidão ao Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento e a todas as mulheres forte e resilientes, que partilharam connosco suas histórias de vida.

Introdução

AIFO é uma ONG italiana que trabalha na Guiné-Bissau desde 1978, centrando-se em duas áreas principais: Programas de saúde comunitária, com especial incidência na lepra, e programas de 2 Desenvolvimento Inclusivo de Base Comunitária (DBC) abertos a todos os diferentes grupos de pessoas com deficiência. A AIFO apoia projetos e programas nos países em desenvolvimento em colaboração com uma grande variedade de parceiros, incluindo - Governos, Organizações Não Governamentais (ONG), organizações religiosas e Organizações de Base Comunitária (OBC). O programa da AIFO no país inclui desenvolvimento de ações de cuidados de saúde primários, centradas na prevenção e tratamento de base comunitária, apoio ao programa nacional de controlo da lepra, cuidados materno-infantis. - reabilitação E inclusão social de pessoas vulneráveis (ou seja, pessoas com deficiência, mulheres). Todas as iniciativas são promovidas e geridas em colaboração e com o reconhecimento do Ministério da Saúde (MINSAP) e com a participação de ONG locais.

Neste sentido, este livro de Inspiração, é mais uma contribuição, que serve de guia de superação de trajetórias desafiadoras, que reconhece que as mulheres com deficiência se deparam frequentemente com estigmas sociais e estereótipos negativos que limitam as suas oportunidades e perpetuam a discriminação. Mas, este manual enfoca nos desafios superados, sucesso construído na trajetória outra entidade como impossível, assim, podendo através destas histórias, removendo os conceitos errados, de modo a promover uma sociedade mais inclusiva, tolerante e acolhedora, onde todos os indivíduos são valorizados pelas suas capacidades e contribuições.

As histórias de destacam na força da resiliência de mulheres com deficiência, que não se deixam abalar perante controvérsias da vida, entre estudantes, badeiras, professoras, jogadoras, apresentadoras, sociólogas e ativistas.

Este trabalho é dedicado a todas e todos que trabalham na Inclusão de Pessoas Com Deficiência das Pessoas Com Deficiência.

Autoras: Adama Baldé (Especialista de Business) e Yolanda Victor Garraão (Ponto Focal de Género).



Índice

- PAG - 04 :** **Isabel Mendes**, coordenadora do Comitê Ad hoc de Mulheres Cegas e Crianças da Bengala Branca e Estudante do 3º ano do curso de Sociologia
- PAG - 06 :** **Brigite Paulo**, estudante do 4º ano do curso de Sociologia, treinadora, jogadora e membro de Painel da Auscultação de Jovens do PNUD
- PAG - 08 :** **Segunda Yala**, cabeleireira e beneficiária do Projeto Desbloqueando Potencialidades
- PAG - 10 :** **Murida Indi**, mãe solteira de três filhos - duas meninas e um rapaz - e beneficiária do Projeto Desbloqueando Potencialidades
- PAG - 12 :** **Ivone Gomes**, CEO da Cooperativa Bontche, Administradora Financeira da Rádio Sol Mansi e Economista
- PAG - 14 :** **Maria Madalena Crima**, professora reformada e beneficiária de Projeto Desbloqueando Potencialidades
- PAG - 16 :** **Maimuna Oringa**, mãe de 2 filhos, funcionária da Rádio Sol Mansi há 15 anos, vendedora de cosméticos, sorvetes e água, e ativista dos direitos humanos.
- PAG - 18 :** **Celeste Cá**, Estudante de 53 anos e beneficiária do Projeto Desbloqueando Potencialidades
- PAG - 20 :** **Nanina da Silva**, professora na Escola Bengala Branca
- PAG - 22 :** **Ana Muscuta Turé**, Especialista de Engajamento do Cidadão e ODS 16 no PNUD
- PAG - 24 :** **Irondina Fonseca**, Funcionária da MTN no departamento de logística de Marketing da MTN
- PAG - 26 :** **Inácia Rodrigues**, funcionária de um museu etnográfico da cultura e ponto focal da Inclusão de Pessoas Com Deficiência do Projeto Desbloqueando Potencialidades
- Conclusão**



Isabel Mendes

Coordenadora do Comitê Ad hoc de Mulheres Cegas e Crianças da Bengala Branca e Estudante do 3º ano do curso de Sociologia

PROJETO DESBLOQUEANDO POTENCIALIDADES

Adquiri a deficiência depois de completar um (1) ano de idade. Na época, eu vivia com a minha mãe e a minha avó paterna. Dada a minha condição, a minha mãe empreendeu uma jornada, percorrendo vários lugares em busca de tratamento. Ela procurava por qualquer pessoa que pudesse ter habilidades para recuperar minha visão, tanto em hospitais quanto entre curandeiros tradicionais, mas sem sucesso. Nessa busca, chegamos até a Gâmbia procurando médicos voluntários ingleses, porém, ao chegarmos lá, descobrimos que os médicos já haviam partido.

Minha integração na escola Bengala Branca ocorreu quando eu tinha nove anos de idade. Na época, enfrentei dificuldades significativas de acessibilidade, especialmente relacionadas ao transporte. Era difícil conseguir uma pessoa na minha condição para me transportar de forma segura de ida e volta para a escola. Não tive o apoio de uma pessoa responsável para me ajudar na locomoção até a escola. Consequentemente, acabei retornando à minha tabanca (Canhobe), na seção do setor de Canchungo.

Na Escola Bengala Branca, estudei até o nono ano de escolaridade. Posteriormente, frequentei o Liceu Samora Moisés Machel, onde concluí o ensino secundário, já que não havia níveis do décimo ao décimo segundo ano na Bengala Branca.

No ano letivo de 2021–2022, prossegui diretamente para os estudos universitários na Universidade Lusófona da Guiné, através de uma bolsa de estudos concedida no âmbito da parceria entre a AGRICE e a referida instituição académica. Nessa parceria, a nossa organização (AGRICE) contribui com um valor simbólico.

Minha integração na universidade não foi fácil, desde a minha avaliação como estudante até ao convívio com colegas e professores. Senti-me discriminada por alguns colegas e até por alguns professores, enfrentando resistência para ser aceite como estudante.

Enfrentei enormes dificuldades no campo de estudo e, em determinado momento, cheguei a pensar em desistir, especialmente devido a dificuldades financeiras.

No entanto, decidi permanecer forte e persistir. Já estou no segundo período e superei o primeiro, que foi particularmente desafiador. Cheguei até aqui e acredito que não desistirei.

Meu sonho é sempre apoiar aqueles que precisam, assim como fui apoiada no passado.

Não pretendo desistir, especialmente quando se trata de apoiar crianças com deficiência visual. Acredito que é minha responsabilidade transmitir a mensagem de que, assim como fui apoiada, também estou aqui para apoiar os outros. Quero ser um exemplo para que, no futuro, eles também possam ajudar. Como estudante de sociologia, percebo várias questões sociais e estou determinada a lutar para minimizá-las. Embora não possamos resolver todos os problemas do nosso país, que são muitos, devemos unir esforços para reduzi-los.

Minha mensagem para a sociedade é um apelo à dignidade das pessoas com deficiência, especialmente dentro das famílias. Ninguém deve ser maltratado, pois nunca se sabe quem essa pessoa poderá se tornar no futuro. Peço que as famílias incluam as pessoas com deficiência, pois todos somos pessoas e uma pessoa com deficiência pode ter ideias valiosas que contribuam para o desenvolvimento da sua comunidade.



Brigite Paulo

estudante do 4º ano do curso de Sociologia, treinadora, jogadora e membro de Painel da Auscultação de Jovens do PNUD

PROJETO DESBLOQUEANDO POTENCIALIDADES

Adquiri a deficiência aos seis anos de idade, e minha família sempre cuidou de mim. Fui integrada na escola e sempre me mantive ativa. Apesar da minha deficiência, nunca senti barreiras. Participava em muitas atividades e sempre gostei de jogar. Meus pais até tentaram me proibir, mas eu recusava parar. Onde meus colegas iam, eu também ia. Vivíamos no sítio (Aldeia) da minha avó, onde eu mesma buscava fole (um fruto de uma árvore trepadeira borrachífera de frutos acidulados), manga, caju e fazia tudo sozinha. Não permitia que ninguém fizesse por mim. Foi uma fase ótima e tenho orgulho desse lugar que marcou minha infância. Iniciei meus estudos desde a primeira até a terceira classe lá.

Depois, mudei-me para Bissau, onde continuei meus estudos até o 12º ano. Devido a dificuldades financeiras, lutei para ingressar na universidade, mas não consegui. Meu pai, após algum tempo, teve uma pequena possibilidade e me inscreveu na universidade, custeando meu primeiro ano de estudos. No segundo ano, por falta de recursos, ele não conseguiu mais pagar a propina. Consegui apoio para continuar meus estudos através de um funcionário do PNUD, que conheci durante uma sessão de auscultação. Além disso, participei no processo eleitoral e ganhei algum dinheiro, o qual investi para avançar o pagamento de mais quatro meses de estudo. Agora estou no último ano.

Soube de uma oportunidade de bolsa de estudos compartilhada por uma colega do YSB, que me ajudou na inscrição. Assim, consegui pagar o quarto ano letivo completo. Foi difícil, mas nunca pensei em desistir. Mesmo enfrentando muitas dificuldades, como transporte e compra de materiais, mantive a fé de que conseguiria. Até ia à tabanca colher castanha de caju para angariar fundos para minhas despesas escolares. Sempre acreditei que receberia apoio. Decidi cortar gastos supérfluos, como apliques de cabelo, que resultavam em despesas enormes. Diante dos custos na universidade, não era mais viável.

Desde que adquiri a deficiência física, aos seis anos, joguei futebol e depois me juntei ao desporto paralímpico, jogando basquete em cadeira de rodas e vôlei sentado.

Sempre fui admirada pela minha habilidade e aspiro seguir nesta caminhada, pois gosto muito de desporto.

Alguns colegas questionam minha participação no desporto inclusivo, mas eu acho importante. Não pretendo desistir, especialmente quando se trata de apoiar crianças com deficiência visual. Acredito que é minha responsabilidade transmitir a mensagem de que, assim como fui apoiada, também estou aqui para apoiar os outros. Quero ser um exemplo para que, no futuro, eles também possam ajudar. Como estudante de sociologia, percebo várias questões sociais e estou determinada a lutar para minimizá-las. Embora não possamos resolver todos os problemas do nosso país, que são muitos, devemos unir esforços para reduzi-los. Minha mensagem para a sociedade é um apelo à dignidade das pessoas com deficiência, especialmente dentro das famílias. Ninguém deve ser maltratado, pois nunca se sabe quem essa pessoa poderá se tornar no futuro. Peço que as famílias incluam as pessoas com deficiência, pois todos somos pessoas e uma pessoa com deficiência pode ter ideias valiosas que contribuam para o desenvolvimento da sua comunidade.



Segunda Yala

cabeleireira e beneficiária do Projeto Desbloqueando Potencialidades

PROJETO DESBLOQUEANDO POTENCIALIDADES

Adquiri minha deficiência após o nascimento. Apesar das dificuldades, esforço-me muito e dedico-me ao meu trabalho. No mundo, se não lutarmos, ninguém nos apoiará. Por isso, sempre me dediquei à venda de água, sanduíches, laranjas e outros produtos. Também aprendi a fazer tranças de cabelo, tissagens e outros trabalhos domésticos. Inicialmente, locomovia-me com uma muleta, mas, com o tempo, ganhei peso e não conseguia mais utilizá-la. Mesmo assim, sentada, costuro panos tradicionais "Camatcha". Logo que aderi à formação promovida pelo projeto, no primeiro dia, prometeram-me uma cadeira de rodas e recebi-a no segundo dia. Agradeço a Deus por isso; meu portão estava fechado, mas agora está aberto.

Como não me viam na rua, eu ficava em casa. No primeiro dia que saí, todos perguntaram por onde estive. Quando voltei de viagem, respondi que não fui a lugar nenhum, apenas estava em casa. Para sair na estrada, não tenho como, então muitas pessoas pensaram que eu tinha viajado. Agradeço ao projeto, pois, sem ele, não estaria onde estou.

Segundo minha mãe, adquirir a deficiência após o nascimento, mas isso não me impede de fazer muitas coisas.

Tenho habilidades que outros não têm, e muitas pessoas vêm pedir favores a mim. Agradeço a Deus por me dar filhas, que me apoiam nos trabalhos que não posso fazer. Ensinamos nossos filhos a fazerem todos os tipos de trabalho, para que, no futuro, possamos unir forças. Minha filha está aqui comigo hoje, e a outra também pode nos apoiar no futuro. Se eu tivesse pensado que não era capaz, onde estaria hoje? Provavelmente em lugar nenhum.

Apesar das adversidades, sustento minhas filhas em tudo, desde educação até saúde, alimentação e proteção. Atualmente, elas não estão a estudar porque não tenho condições financeiras, mas tenho esperança de que um dia conseguirei formá-las. Sempre digo que, mesmo que eu não tenha tido oportunidade de estudar, minhas filhas estudarão.

Quando precisar assinar algo e não souber do que se trata, chamarei minhas filhas para me representar. Se uma mãe não é escolarizada, e seus filhos também não, a família não progride. Por exemplo, no telefone, em vez de pedir ajuda a outra pessoa para saber algo, é melhor que minhas filhas saibam o segredo.

A AIFO e o PNUD mostraram-me o caminho. Estou determinada a lutar pelas minhas filhas. Se eu lutar até atingir meus objetivos, minhas filhas valorizarão o fato de eu pagar a escola para elas. Se não fosse pela escola, não estaríamos aqui hoje. Poderia ter ido para a escola, mas não tive apoio.

Minha avó não queria que eu estudasse e, muitas vezes, eu fugia para ir à escola.

Ela ia até lá para me retirar e, ao chegar em casa, batia-me e proibia-me de comer, deixando-me com fome por um dia inteiro. Desafiei-a, pois a escola é o meu lugar, ela não pode me impedir de frequentá-la.

Antes da presença da AIFO em Quinhamel, eu era invisível e pensei várias vezes em desistir. Mas, pela vontade de mudar a vida das minhas filhas, sou resiliente.



Murida Indi

mãe solteira de três filhos - duas meninas e um rapaz - e beneficiária do Projeto Desbloqueando Potencialidades

PROJETO DESBLOQUEANDO POTENCIALIDADES

Aos 12 anos, eu ia para a escola, mas durante um surto de sarampo, minha mãe estava a me escovar os dentes numa manhã cedo, e a partir desse momento, não pude mais ficar de pé, nem mesmo sentar. Soube que havia um grupo de padres da missão católica, então busquei apoio junto a eles. Tive sorte e passei a receber pequenos auxílios para sobrevivência. Quando o padre encerrou sua missão, ele se despediu de mim e transferiu a responsabilidade para uma irmã missionária, que continuou me apoiando. No entanto, após algum tempo, deixei de receber esse apoio. Isso me motivou a buscar uma atividade geradora de renda.

Decidi trabalhar como "bideira" (o que significa numa tradução livre, feirante), pois não tinha outra alternativa. Desde criança, sempre preferi ter minha própria autonomia financeira para não depender da minha família. Por isso, aprendi a trançar cabelos muito cedo e trabalhei como cabeleireira. No entanto, devido à concorrência com novas cabeleireiras, abandonei essa atividade e passei a preparar amendoim assado e carvão para vender, a fim de apoiar meus filhos na escola.

Após a chegada do Projeto, lutei para beneficiar do microcrédito e hoje estou aqui a trabalhar normal e gerando renda aos poucos.

Minha situação agora é muito melhor do que antes, em casa. Sempre fui determinada a não depender da minha família, então aprendi a fazer tissagens desde criança para não depender totalmente de ninguém. Quando finalmente consegui meios de acessibilidade, como a cadeira de rodas, optei por não ficar mais parada. No entanto, o que mais lamento na vida é a oportunidade perdida de frequentar a escola. Poder me dedicar à venda é importante, mas se eu tivesse tido a oportunidade de estudar e me formar, seria muito mais significativo. Apenas ganhar dinheiro não significa nada para mim, pois sei que, se tivesse me formado e estivesse trabalhando como professora, teria uma contribuição muito mais valiosa para a sociedade.

Demorei a obter uma cadeira de rodas, só a consegui em 2000, o que me impediu de frequentar a escola. Se meus pais não tivessem preconceito contra pessoas com deficiência, talvez tivessem dedicado algum tempo para refletir sobre minha situação. Meu pai parecia ser inteligente, mas não foi o caso comigo; ele me deixou viver uma vida de sacrifícios. Apesar de não poder mais comprar panos e outras coisas, meu foco é pagar a escola dos meus filhos para compensar o vazio causado pela falta de oportunidades de educação. Sinto que, à medida que meus filhos vão para a escola, esse vazio vai sendo preenchido aos poucos.

Confesso que com este projeto estou a ver mudanças reais em mim mesma. Fiquei muito feliz, pois antes não tinha muito rendimento, mas hoje tenho mais. Atualmente, estou ganhando mais renda e estou determinada a manter a sustentabilidade do negócio. No futuro, estarei em outro patamar.

Por exemplo, como fui beneficiária do microcrédito do projeto, se eu mantiver o foco, vou colher ainda mais frutos. Estou trabalhando aqui com muita determinação. Ainda trabalho com a venda de carvão. Se eu quiser comprar pão ou sumo, retiro o dinheiro da renda extra da venda de carvão para comprar. Aqueles que pedem produtos emprestados, se demoram para pagar, eu mesma adianto o pagamento para essas pessoas e depois compensarei para mim, para garantir a sustentabilidade. Eu quero crescer; por exemplo, se eu for concedida esta bolsa, significa que estou sendo testada. É assim que vejo o projeto trabalhar; esta é uma forma de me testarem e estou tentando provar quem sou. Trabalharei muito bem, confiando que Deus me protegerá e não terei nenhum problema. Me esforçarei ainda mais para garantir meu legado e para que meu nome não seja em vão.

Quero que, ao final do projeto, concluam que Murida é uma beneficiária muito esforçada. Eu vendo carvão em todas as épocas, seja na seca ou na chuva. Nunca precisei pedir dinheiro para pagar a escola dos meus filhos. Nos meus pequenos investimentos, que geram uma boa quantidade de dinheiro, por exemplo, na compra e revenda do carvão, aplico o lucro para suprir todas as minhas necessidades. Acredito que este é o propósito do projeto. Não é para eu consumir sumo e ficar de braços cruzados.

Quero que as famílias que têm membros com deficiência os incluam na escola. Não quero que fiquem sentados sem ter a oportunidade de se formar, como eu. Apelo às pessoas para que não escondam pessoas com deficiência. Devem sair e frequentar a escola. Hoje em dia, eu gostaria de estar na escola, mas não pude.



Ivone Gomes

CEO da Cooperativa Bontche, Administradora Financeira da Rádio Sol Mansi e Economista

PROJETO DESBLOQUEANDO POTENCIALIDADES

Eu nasci em Bissau, no bairro de Reino. Aos 4 anos, adquiri uma deficiência como resultado de uma má aplicação de injeção no hospital de Canchungo, onde na época havia um grupo de médicos chineses prestando assistência. Incapaz de retornar imediatamente a Bissau por razões de saúde, fiquei em Cantchungo sob os cuidados de minha tia, onde frequentei o ensino primário (1ª a 6ª série). Posteriormente, mudei entre diferentes liceus em Bissau, incluindo Salvador Allende, Kwame Nkrumah e Liceu João XXIII. Finalmente, cursei Economia e Finanças na Universidade Amílcar Cabral.

Meu percurso profissional teve início na Escola São Paulo, onde fui membro fundadora e professora de cultura religiosa para os níveis de 1ª a 4ª classe, além de alfabetização de mulheres. Mais tarde, ingressei na universidade para cursar Economia na Universidade Amílcar Cabral. Durante meu último ano de curso, coincidindo com o início das transmissões da Rádio Sol Mansi, fui convidada pelo padre para integrar a equipa como administradora financeira e para auxiliar na organização da contabilidade da rádio

Em 1994, junto com outras quatro meninas, decidimos estabelecer-nos no Bairro de São Paulo, então conhecido como "Contango". Fundamos a Escola São Paulo, inicialmente abrangendo os primeiros anos do ensino básico e agora oferecendo até o 9º ano. Além de promover a educação formal, realizávamos campanhas de sensibilização porta a porta e mobilização para alfabetização de mulheres que não tiveram oportunidade de frequentar a escola. Também ensinávamos costura às mulheres como meio de empoderamento econômico.

enfrentar o desafio de elevar o nível acadêmico, deixei de dar aulas para me dedicar integralmente à universidade, onde me formei em Economia e Gestão.

Apesar de minha formação, meu percurso continuou marcado pelo trabalho árduo em diferentes graus. Atualmente, trabalho na Rádio Sol Mansi e na empresa Botche, que significa "bonito" na língua Balanta, na área de costura. Ao expandir a Bontche, convidei todas as minhas antigas alunas de costura para trabalharem em conjunto. Continuamos a ensinar costura para jovens meninas. Embora nem todas tenham permanecido conosco, com resiliência, empregamos 12 funcionários, sendo 3 homens e 8 mulheres, além de 40 alunas.

Além de minha trajetória desafiadora, também faço trabalho voluntário como membro da diretoria da Federação das Pessoas com Deficiência. Internacionalmente, faço parte dos formadores da IDA, um fórum mundial de pessoas com deficiência, e participei de vários eventos. Minha deficiência nunca foi uma limitação para mim, graças às oportunidades e confiança que minha família sempre me proporcionou desde a infância. Isso me permitiu ter uma voz firme, ser ouvida e respeitada em todos os espaços, inclusive em minha família, onde ainda sou a última a decidir, mesmo sendo mulher e pessoa com deficiência.

Apreendi a costurar apenas observando o trabalho de minha tia em Cantchungo, pois ela nunca me ensinou formalmente. Ao retornar a Bissau, comecei a costurar de forma espontânea. Como pessoa religiosa, sempre estive envolvida na igreja e em seus grupos, como o da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, onde havia mulheres mais velhas que trabalhavam com costura.

Decidi aprimorar minhas habilidades com elas, com o apoio de minha madrinha, que também fazia parte do grupo.

Na igreja, participo de vários grupos, incluindo um vocacional, onde meninas e meninos são selecionados anualmente para seguir a vida religiosa. Foi nesse contexto que o padre me abordou, questionando sobre meu destino e se eu estava verdadeiramente comprometida com o grupo.

Embora eu seja uma leiga consagrada, com três votos (pobreza, castidade e obediência), assim como as irmãs religiosas, a única diferença é que não preciso me identificar como consagrada. Fomos escolhidas para estar com o povo, inseridas na comunidade e transformar o mundo de dentro para fora. Essa é minha missão, estar no mundo de forma discreta e transformá-lo de dentro para fora. Se alguém me vê usando o anel, pode pensar que sou casada, mas nunca me casei; meu compromisso é com Deus.

Gostaria de apelar às mulheres, especialmente às mulheres com deficiência, para que sejam mais confiantes. Sabemos que as mulheres com deficiência enfrentam múltiplas dificuldades, mas devemos lutar mais para alcançar nossos objetivos. A deficiência não deve nos limitar; devemos avançar junto com as outras pessoas.

Peço aos familiares que sejam apoios dignos para seus familiares com deficiência. Todos podem prosperar se lhes forem dadas oportunidades adequadas. A verdadeira qualidade se revela quando as oportunidades são oferecidas.



Maria Madalena Crima

*Professora reformada e beneficiária de Projeto
Desbloqueando Potencialidades*

PROJETO DESBLOQUEANDO POTENCIALIDADES

Eu sofri de paralisia infantil, que foi diagnosticada durante uma campanha missionária católica em Cumura. Fui enviado para tratamento fora do país, e passei grande parte da minha vida na missão de Cumura. Recebi educação até o 5º ano durante a era colonial, equivalente ao 9º ano atualmente.

Naquela época, valia muito a pena. Essa educação tem sido fundamental para melhorar a minha vida, e hoje, graças a Deus, tenho minha família - meus filhos e netos.

Tenho oferecido apoio na medida do possível. Infelizmente, meus filhos estão atualmente sem atividade por falta de recursos, mas mantenho a esperança. Minha salvação foi ter tido a oportunidade de estudar, e é importante que todos tenham essa mesma oportunidade.

Lecionei por 29 anos, iniciando minha carreira na missão católica de Quinhamel como uma das primeiras professoras. Mais tarde, ingressei no serviço público, onde trabalhei por 24 anos em uma escola pública. Apesar da experiência anterior como professora, não foi fácil ser aceita.

Talvez por causa da minha condição física ou do medo de violar regulamentos, especialmente relacionados aos horários, persisti e demonstrei ser capaz de cumprir todas as minhas responsabilidades, mesmo com minha deficiência.

Tornei-me uma figura admirada na região de Biombo, especialmente na escola. Sempre fui pontual e segui as normas da escola, ganhando a confiança do diretor. Devido ao meu dom e paciência com as crianças, frequentemente me confiavam turmas para lecionar. Mesmo após me reformar, continuo a dar aulas de explicação para crianças. Além disso, comecei a vender tecidos tradicionais, o que tem sido benéfico para mim.

Antes, eu raramente saía de casa, mas agora estou muito presente nas ruas, recebendo elogios da comunidade, não apenas por ser uma pessoa com deficiência, mas também pela minha idade avançada.

Sou uma mulher que enfrenta a realidade, seja ela boa ou má, inspirada pelo futuro da minha família. Não permito que minha limitação me impeça de orientar meus alunos ou de liderar minha própria família.

Sou grata à AIFO por lembrar das pessoas com deficiência no sector de Quinhamel.



Maimuna Oringa

Mãe de 2 filhos, funcionária da Rádio Sol Mansi há 15 anos, vendedora de cosméticos, sorvetes e água, e ativista dos direitos humanos.

PROJETO DESBLOQUEANDO POTENCIALIDADES

Eu nasci em Bolama, no Djo de Galinha. Saí de lá aos 7 anos de idade devido a complicações decorrentes de sarampo. Após tentativas sem sucesso de tratamento em Bissau, retornei à minha cidade natal. Na época, um homem chamado Carlos Sulai Sow, proprietário de um hotel, teve compaixão da minha situação e me acompanhou de volta a Bissau, com destino final Lisboa, onde também busquei tratamento na esperança de recuperar minha visão, mas infelizmente não obtive sucesso. Apesar das dificuldades, retornei a Bissau e comecei a buscar maneiras de seguir adiante. Minha primeira aspiração foi me tornar cantora, pois naquela época não havia escola para cegos na Guiné-Bissau. Na adolescência, conheci Manuel Rodrigues, fundador da AGRICE, e fui integrada como membro, sendo a única menina. O objetivo era integrar pessoas com deficiência visual, e em 2003 comecei a aprender Braille na Escola Bengala Branca.

Enquanto crescia, engravidei no 6º ano escolar, mas mesmo assim continuei lutando junto com Manuel. Após a fundação do Lar das Crianças Deficientes Visuais em 2005, percorri as aldeias da Guiné-Bissau com Manuel, acolhendo e cuidando de muitas crianças como mãe e educadora. Embora eu não tenha alcançado meus objetivos pessoais, muitas das crianças que cuidei se formaram e algumas estão em diferentes universidades.

Sou ativista e participei de encontros e eventos internacionais, representando meu país em diversos níveis, inclusive na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Também fui atleta e conquistei quatro medalhas de ouro, vencendo uma corrida alternativa em Angola. Enfrentei enormes desafios diários enfrentados por pessoas com deficiência, incluindo discriminação, exclusão e falta de solidariedade.

Isso me inspirou a produzir e apresentar um programa de rádio.

Após várias tentativas em diferentes estações, encontrei espaço na Rádio Sol Mansi, onde fui cedida um espaço pelo padre. Desde 2009, produzo e apresento programas radiofônicos, contribuindo para mudanças sociais, como o aumento da aceitação de pessoas com deficiência nos transportes públicos. Hoje, os táxis levam pessoas com deficiência. Se um te passar, com certeza o segundo ou terceiro vai te levar para o seu destino. Graças a Deus, há vários programas. No início, era apenas uma rubrica, na verdade, e hoje temos um programa de fato. Tenho mais autonomia para produzir e apresentar programas radiofônicos.

Vindo de uma família pobre, pago minha renda há 19 anos e sou responsável pelo sustento, educação, saúde e vestuário de todos.

Não me deixo abater pelas dificuldades e estou sempre buscando oportunidades para me manter ativa, vendendo sorvetes, cosméticos e participando de atividades comunitárias e reuniões.

Acredito que todos têm seu momento de superação, e gostaria de incentivar todas as pessoas com deficiência a serem fortes e resilientes. Também faço um apelo aos familiares para que aprendam com os exemplos das pessoas com deficiência, apoiando-as e dando-lhes oportunidades.



Celeste Cá

Estudante de 53 anos e beneficiária do Projeto Desbloqueando Potencialidades

PROJETO DESBLOQUEANDO POTENCIALIDADES

Eu não nasci com deficiência; adquiri-a aos 4 anos de idade, quando já tinha começado a andar. Num dia, repentinamente, fiquei doente, com febre alta, e não consegui mais ficar de pé. Algumas pessoas alegaram que fizeram feitiçaria contra mim. Durante um tempo, eu rastejava no chão e, mais tarde, comecei a me locomover aos poucos com o apoio de um pau. Devido aos desafios de lidar com uma criança com deficiência, minha mãe, que na época era jovem, e minha avó decidiram que minha avó ficaria comigo para não sobrecarregar minha mãe. Decidi retomar meus estudos porque tenho o desejo de continuar aprendendo.

Naquela época, recusamos ir à escola porque os professores costumavam punir os alunos fisicamente. Comecei a estudar aos 17 anos, por minha própria iniciativa, sem apoio de ninguém. Matriculei-me, buscava mancarra (um tipo de amendoim), vendia para comprar lápis e cadernos. Frequentei a escola primária com as outras crianças, e atualmente estou na 9ª classe. Mais tarde, mudei-me para Cantchungo, onde estudei por 4 anos. Durante esse período, morava com minha tia e seu marido, que comprou uma horta na tabanca de Canchungo, para onde nos mudamos.

Foi lá que interrompi meus estudos. Passei 12 anos sem estudar. Mais uma vez, desafiei-me a continuar dizendo a mim mesma que mesmo que envelhecesse, ainda estudaria. Após retornar à minha cidade natal, Djal, e morar com minha mãe, retomei meus estudos, começando pelo 5º e 6º ano e progredindo para a 7ª classe. Fiquei mais 16 anos sem contato com a escola. Sempre sonhei em estudar, e como tenho um irmão que é pastor, pedi-lhe para morar com ele e sua esposa.

Meu irmão prontamente concordou e me matriculou na 7ª classe. Agora estou na 9ª classe. Estou determinada a estudar. Meu pai questiona o motivo de eu querer continuar estudando, e sempre respondo que quero aprender a ler bem, sem dificuldades.

Apesar de não ter sido formalmente escolarizada, minha avó nunca poupou esforços para me ensinar todas as tarefas domésticas. Ela até chegava a me ensinar quando achava que não gostava de mim. No passado, as pessoas tinham a ideia de que crianças com deficiência não deveriam se misturar com os outros. Graças à minha integração na religião evangélica, ganhei mais confiança.

Fui treinada como missionária em Farim por 3 meses e ensinei nas congregações. Isso me deu a capacidade de viver no meio das pessoas. Quando encontro pessoas que pensam que não devo ir a certos lugares por causa da minha deficiência, eu vou mesmo assim. Acredito que qualquer pessoa com deficiência deve ter o direito de ir aonde quiser, assim como qualquer outra pessoa.

Já pensei em desistir, mas sempre há uma voz que me diz para continuar. Tenho sonhos e pretendo concluir o ensino liceal aos 56 anos. Já me questionei sobre em qual área me formarei após essa conquista.

Recentemente, decidi que quero estudar informática. Como mulher, me vejo como alguém capaz. Acredito que isso se deve à influência da minha avó, que sempre me ensinou a enfrentar os desafios da vida através das tarefas domésticas. Sou grata à AIFO pela oportunidade e pelo apoio que recebi. Atualmente, recebo muito carinho da minha família.



Nanina da Silva

professora na Escola Bengala Branca

PROJETO DESBLOQUEANDO POTENCIALIDADES

Aos 8 anos de idade, perdi a minha voz, o que deixou meus pais muito tristes. Nessa situação, fomos informados por um vizinho de que havia brancos (portugueses) na Escola ensinando Braille. Fui levada pelo mesmo vizinho. Sempre tive o apoio total da minha família, que sempre teve o desejo de me levar à escola.

Naquela época, eu era a única menina e ainda na tenra idade. Não havia muitas pessoas com deficiência auditiva na escola, ao contrário do que ocorre hoje, onde há mais acessibilidade. Éramos um número reduzido, apenas três pessoas. Hoje, sinto-me bem por ver mais pessoas com deficiência na escola.

Sempre quis estudar e nunca recusei. Atualmente, ensino pessoas como eu, com muita paciência. Ensino crianças do jardim de infância a ler e o alfabeto gestual. Embora seja difícil, pois há crianças praticamente sem voz, e trabalhamos com Braille, ensino as crianças a manejá-lo e também os gestos.

A única coisa que sei fazer é dar aulas. Já tenho 12 alunos. Gostaria de me formar, mas como não há escola especializada, ainda não consegui.

No entanto, meu pai está em Portugal e está a ponderar me levar para receber formação lá.

Proibir que crianças com deficiência auditiva estudem não é bom. O Braille é fácil. Por favor, incentivem as pessoas com deficiência a estudar. Peço aos familiares que não proibam as crianças com deficiência de serem escolarizadas, e quanto mais cedo melhor.

Quanto mais pessoas com deficiência auditiva se juntarem, melhor, pois assim desenvolverão mais suas linguagens e habilidades.

Não é bom que elas fiquem isoladas, paradas e sentadas sem fazer nada. Tragam-nas para aprenderem conosco e com seus semelhantes. Assim, todos nós vamos nos desenvolver mais.



Ana Muscuta Turé

Especialista de Engajamento do Cidadão e ODS 16 no PNUD

PROJETO DESBLOQUEANDO POTENCIALIDADES

fui deitar. Por volta das 10:00 da manhã, levantei-me gritando, e fui socorrida para o hospital, onde fiquei em coma por 3 meses. Quando recuperei a consciência, minhas pernas estavam totalmente paralisadas. Iniciaram-se tratamentos médicos, mas sem sucesso. Tentaram então uma fisioterapia tradicional, onde me enterravam na terra, e com isso recuperei o uso de uma das pernas, mas a outra infelizmente não se desenvolveu como a outra. Naquela época, eu não usava muletas e andava com a mão apoiada na perna direita. Apesar disso, meus pais continuaram a insistir na busca por uma solução.

Por volta dos anos 80, fiz uma cirurgia que não correu bem, resultando na remoção da rótula. Desde então, já se passaram mais de 40 anos. No início, usei duas muletas grandes, que agora substituí por canadianas. Meus pais, especialmente meu pai, sempre tiveram muita paciência comigo. Ele me colocava na bicicleta e me levava para a escola, indo me buscar depois. Perdi um ano letivo, mas mesmo assim continuei estudando. Em Canchungo, concluí o 9º ano, e depois me mudei para Bissau, onde concluí o ensino liceal. Meu primeiro emprego foi na rádio nacional, por meio de concurso público. Mais tarde, fui estudar em Portugal, onde me formei em Sociologia. Casei-me, tenho 2 filhos e netos, e agora estou no PNUD, muito satisfeita com a vida que levo, apesar da minha deficiência. Também trabalhei na Autoeuropa, na construção civil e, após meu retorno, comecei a trabalhar com a SNV, uma organização holandesa de desenvolvimento.

Depois do fechamento dessa organização no país, trabalhei com o antigo Handicap Internacional, atual Humanité Inclusion. Mais tarde, fui presidente interina da federação de pessoas com deficiência por 3 anos, depois diretora da Administração Territorial e agora estou no sistema das Nações Unidas. Desafiei-me desde muito cedo. Meu pai sempre dizia para me deixarem fazer o que quisesse. Sou boa em assuntos de padaria, como amassar pão, mesmo que esse seja um trabalho normalmente feito por homens. Minha mãe também era padeira e sempre estava lá para me apoiar. Nem todas as pessoas tiveram oportunidades devido a preconceitos, e muitos pais pensam que crianças com deficiência não são capazes. Muitas vezes, essas crianças não têm registro civil nem são nomeadas. Acredito que a educação inclusiva deve ser uma prioridade do Estado, para não deixar uma parte significativa da comunidade excluída da educação.

Sou uma mulher dedicada, responsável, lutadora e não escondo minha deficiência. Assim como muitos outros, enfrentei muitas dificuldades para estudar, como chuva, vento e trabalho, mas também fiz faculdade de direito em Bissau e lutei na linha de frente. Eduquei meus filhos biológicos e outros parentes, e recebo feedback deles dizendo que têm muito orgulho de ter uma mãe como eu. **Tenho um exemplo de quando tinha 11 anos e fui internada, ficando sentada por 7 meses.**

Fui fazer um raio X, e o enfermeiro olhou o resultado e disse "coitada", o pé dessa menina já estragou, não há mais esperança. A minha mãe começou a chorar, mas no dia seguinte pedi a minha mãe que chamasse um carpinteiro para me visitar. Embora o médico não tenha me dado alta, disse apenas para eu tomar os remédios prescritos 3 vezes ao dia,

todos os dias, em casa, para que eu não perdesse aulas. Eu disse a minha mãe que o médico não me daria alta, apenas me daria os comprimidos, e que eu preferia tomá-los em casa para não perder as aulas. A minha mãe não concordou inicialmente, mas acabou aceitando minha insistência. O carpinteiro fez-me muletas, e assim que as recebi, descii da cama e comecei a andar.

E estou aqui, enfrentando desafios como qualquer pessoa sem deficiência, embora pessoas com deficiência enfrentem muitos mais desafios, não apenas o desafio de superar as limitações físicas, mas também em todas as áreas da vida.

E não é com choro que podemos superar. Ainda tenho um sonho de resgatar pessoas com deficiência, especialmente no contexto da Guiné-Bissau. São muitas crianças com deficiência, com capacidade para serem exemplos e contribuírem positivamente para a sociedade. No entanto, elas estão perdidas, pois muitas vezes falta a estrutura de apoio necessária para que possam superar os obstáculos e se destacar. É fundamental ter escolas inclusivas, com políticas de incentivo, para que as pessoas com deficiência tenham acesso e permanência na educação, permitindo que cada pessoa com deficiência seja livre de estigmas e obstáculos, e que se atreva a desafiar a si mesma, buscando sua autonomia, empoderamento e aceitação.

Minha inspiração vem de dentro de mim, ao perceber que, apesar das limitações físicas, ainda posso contribuir muito para a sociedade. A força não está nas minhas pernas, mas sim na minha mente.

Quero apelar a todas as instituições para que contribuam para o Objetivo 16 do Desenvolvimento Sustentável (ODS).



Irondina Fonseca

Funcionária da MTN no departamento de logística de Marketing da MTN

PROJETO DESBLOQUEANDO POTENCIALIDADES

Aos 2 anos de idade, foi descoberto que ela tinha deficiência auditiva, uma situação que levou seus pais em busca de solução em Cantchungo. Havia chineses na missão, os quais disseram que só poderiam realizar a cirurgia nela. Aos 7 anos, seus pais retornaram para realizar essa cirurgia, coincidindo que eles já não estavam mais no país.

Ela contribui em casa, ajudando ocasionalmente na alimentação. Anteriormente, trabalhava para a Orange como vendedora ambulante. Mais tarde, por iniciativa própria, havia uma multidão de clientes na fila da MTN, onde ela ia para organizar as pessoas. Um dia, um ex-chefe da MTN sul-africana admirou sua iniciativa e dinamismo e perguntou quem era ela.

Foi informado que ela era autônoma, e ele imediatamente lhe ofereceu um contrato desde 2008. Portanto, são 16 anos como funcionária na área de logística e marketing na empresa de telecomunicações.

Ela é uma mulher que nunca se limitou, contribuindo ativamente na vida de seus três filhos, custeando seus estudos, saúde, alimentação e vestuário.

Um de seus filhos se formou em engenharia informática pelo Instituto Bimantecs, deu aulas no BIMANTECS e agora trabalha para a empresa Orange.

"Mima", como carinhosamente é chamada pelos familiares, tem uma relação muito boa com seus filhos e membros da família.

Apesar de não ter concluído os estudos liceais, sempre foi determinada em apoiar seus filhos.



Inácia Rodrigues

Inácia Rodrigues, funcionária de um museu etnográfico da cultura e ponto focal da Inclusão de Pessoas Com Deficiência do Projeto Desbloqueando Potencialidades

PROJETO DESBLOQUEANDO POTENCIALIDADES

nove meses de gestação, e meu filho nasceu após 11 meses. Logo após o nascimento, ele teve convulsões, o que nos levou a interná-lo na pediatria, onde foi colocado em uma incubadora por 12 dias. Recebemos alta uma semana depois, mas os problemas persistiram. Retornamos ao hospital, onde nos disseram que os sintomas provavelmente desapareceriam com o tempo, sem necessidade de medicação.

Desde então, ele começou a apresentar suas características distintas. Mesmo assim, continuei cuidando dele com todo o zelo, amamentando-o e prestando os cuidados necessários. Após 3 meses, suas características reais se tornaram mais evidentes. Ele é muito inquieto, gira com frequência e não consegue ficar parado.

Após um ano, as pessoas começaram a dizer que ele era um irã, não um ser humano, e que deveria ser abandonado (ou assassinado), mas eu não dei ouvidos a essas falas. Um dia, meu marido propôs buscar uma alternativa, uma cura tradicional, e decidiu ir para sua tabanca, informando seus pais sobre o ocorrido. Os pais do meu ex-marido então sugeriram que levássemos nosso bebê para a tabanca, onde nos disseram que deveríamos abandoná-lo. Eu, por minha vez, não poderia tomar essa decisão sozinha. Informei minha mãe e ela não aceitou, afirmando que ele era um ser humano e que nasceu com deficiência. Mesmo jovem e inexperiente, tentei convencê-la de que disseram que com o tempo ele mataria todos, mas minha mãe manteve-se firme em sua posição. Então, decidi obedecer à minha mãe e até mesmo passei 4 dias sem amamentá-lo.

Minha mãe me encorajou, disse para eu tomar banho e dar-lhe o peito, e sem hesitar, eu o amamentei. Passados 1 a 2 anos, sua inquietação só aumentava. Ele não podia estar no meio das pessoas, e quando eu o levava para brincar, todos corriam dele. Começaram a isolá-lo totalmente e as vizinhas proibiam seus filhos de se aproximarem dele, dizendo que ele era um irã. Apesar disso, eu o acolhia como meu filho e fazia tudo por ele, alimentando-o, carregando-o no colo, sem apoio algum. Quando ele completou 3 anos, seu pai decidiu abandoná-lo comigo, alegando que seu comportamento cada vez piorava (a inquietação), e que eu teria que ficar sozinha. Na época, eu ainda estava a estudar e enfrentando o desafio de continuar meus estudos para melhorar minha condição de vida. Levei-o para casa da minha mãe enquanto ia à escola. Lutei com ele até aos 6 anos, ouvindo falar sobre a Escola Bengala Branca. Na época, ele estava matriculado no Salvador Allende, onde fui informada que crianças com deficiência intelectual ou necessidades especiais ainda não poderiam ser acolhidas devido às suas características específicas. Depois, tentei na escola central, mas foi a mesma situação. Eventualmente, um senhor abriu uma escola em 3 de agosto, uma pequena escola com apenas 12 alunos. No entanto, ele continuou a manifestar características inquietas e problemas mentais, o que me levou a retirá-lo de lá e levá-lo para um centro de saúde mental. Quando estava sob medicação, ele geralmente estava bem, e eu estava pronta para seguir com a minha vida, mas sempre permaneci disponível para dar-lhe a atenção necessária se algo acontecesse. Às vezes, ele se perdia ou desaparecia, e eu fazia o possível para encontrá-lo, usando a rádio e visitando casas para descobrir seu paradeiro. Nunca escondi meu filho, levando-o para passear, frequentando eventos sociais com ele, carregando-o nas minhas costas. Fiz tudo o que uma mãe faria por seu filho, e sou conhecida por ele. Não foi fácil, mas sempre o acolhi como qualquer ser humano merece.

Um dia, decidi ensiná-lo a cozinhar para mim. Ele acendeu o fogo, colocou água na panela, lavou o arroz e comprou sardinha. Comemos juntos, e mesmo que ele não pudesse falar, ele respondia com sinais. Senti-me tão bem ao ver uma mudança desejável no meu filho. Abracei-o e, mais tarde, ele começou a cuidar de si mesmo, tomando banho e comendo sem precisar de ajuda.

Eu nunca esperei por reconhecimento das pessoas; sou uma mulher que se inspirou na vida. Lidar diretamente com crianças especiais não é nada fácil. Na verdade, essa força veio do meu instinto materno. Sentia uma profunda empatia pelo meu filho, que foi abandonado pelo pai, e eu não podia fazer o mesmo. Como ele ficaria neste mundo?

Se as mulheres empoderadas são chamadas, também me considero uma delas. Mesmo sendo mãe de uma criança com deficiência, decidi destacar minha vida ali. Escolhi fazer parte da Federação das Pessoas com Deficiência para poder oferecer ajuda e apoio a outras pessoas que estão a sofrer. Em 2014, realizamos um trabalho com a Handicap Internacional, resgatando crianças que estavam trancadas, acorrentadas, abandonadas, sem higiene, sem comida e totalmente desamparadas pelos familiares. Isso sem mencionar as crianças com problemas mentais, que também não foram esquecidas. Não sei se se lembram, mas havia um homem que ficava nu na Chapa de de Bissau. Fui eu quem consegui localizar seus familiares e convencê-los a cuidar dele. Desde então, ele está em melhores condições. Às vezes, as pessoas só precisam de uma ajudinha, mas aqui na Guiné-Bissau, não recebem atenção ou, se têm alguma deficiência, são levadas para o mar e mortas. Eu tenho o sonho de ver crianças com deficiência intelectual ou especial bem cuidadas, porque precisam se sentir felizes, amadas e receber gestos de carinho. Quero que existam escolas para essas crianças, pois são as que mais sofrem e precisam realmente de apoio.



PROJETO DESBLOQUEANDO POTENCIALIDADES

Conclusão

O “Projeto Desbloqueando Potencialidades: Capacitação das Mulheres Com Deficiência, através da Inclusão Financeira Na Região de Biombo – Inspirar na Resiliência das Mulheres Com Deficiência” representa um marco importante na promoção da inclusão e igualdade de género. Ao focar em capacitar as mulheres com deficiência na Guiné-Bissau, o projeto aborda as barreiras multifacetadas – económicas, sociais, culturais, políticas etc – que essas mulheres atravessam nos seus quotidianos, desde o acesso limitado e/ou restrito à educação ao emprego até a discriminação socioeconómica na sociedade.

Por meio da iniciativa de formação profissional e da capacitação, campanha de (reforço de) conscientização e parcerias com as organizações locais e internacionais, o projeto não só busca promover a autonomia e a autossuficiência das participantes, mas também buscando mecanismos para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária, equitativa e inclusiva. Portanto, o projeto busca pavimentar o caminho para um futuro onde a diversidade e, sobretudo, a deficiência não é mais vista como o “patológico”, mas um ambiente em que todas e todos possam conviver e que tenham a possibilidade de contribuir de maneira plena e igualitária para o desenvolvimento socioeconómico da Guiné-Bissau. Em suma, o projeto nos convida a rever as nossas condições humanas na sociedade marcada pela segregação, discriminação e preconceito.



AUTORAS:

Adama Baldé (*Especialista de Business*) e
Yolanda Victor Garrafão (*Ponto Focal de Género*).

FL-Produções (*Imagem*)

CVS Design (*Edição*).